

JOAN CRAWFORD

CONSIDERADA PELA ACADEMIA
AMERICANA DE ARTES E
CIENCIAS CINEMATOGRAFICAS
A MELHOR ACTRIZ DE 1945



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

Semanário Gráfico de Actualidades

ANO VI—N.º 274
22 DE AGOSTO DE 1946
PREÇO AVULSO 2\$00

EU não sei se mais alguém já reparou na diferença que apresenta, às segundas-feiras, o rosto da cidade.

Mas no primeiro dia da semana, Lisboa é diferente. Logo de manhã passam costureiras gentis, apressadas, a caminho do trabalho. E vão com um ar cansado, olheiras magoadas sob os olhos lindos — um ar de quem aproveitou bem o seu domingo...

umas foram para a praia e vieram tarde, que isto de comboios está mesmo uma aflição...

Outras perderam a noite no baile da Sociedade do seu bairro, que as vidas estão curtas e é preciso aproveitá-las bem...

Os namorados disseram-lhes, ao ouvido, palavras ternas, que mais lhes cansaram os sentidos e a alma. O grupo musical desfiou, sem cessar, um rosário de cantigas populares... E elas dançaram, cantando alto, deram o máximo da sua alegria e da sua mocidade para o êxito da festa... E cansaram-se...

Por isso, às segundas-feiras, as costureiras são bonitas — mas ostentam uma beleza triste e diferente...

Mas nem só as costureiras são diferentes, no primeiro dia da semana. Quase todos os alfacinhas sabem aproveitar bem o seu domingo. E uns foram para fora, a uma corrida de touros, que acabou já noite alta, com fados e guitarradas de improviso, outros estiveram no baile elegante do Casino...

Mas todos perderam uma noite — na convicção de que a ganharam, divertindo-se.

Por isso Lisboa, à segunda-feira, é diferente. Está cansada, porque aproveitou bem o seu domingo — e está triste porque vem longe o próximo dia de descanso...

E Lisboa, menina estouvada que julga saber gozar a vida, adora os domingos, dias de descanso — para se cansar muito mais do que nos dias de trabalho...

ANIBAL NAZARE



GOSTARAO as cidades destes inquietos meses de estio, em que o termómetro mal aguenta o dilatado do mercúrio?

Não o creio. As praias, as termas e o campo que o digam. São sinónimos do alívio e da comodidade de vinte dias de férias, que a «dona burocracia» graciosamente oferece aos seus sacrificados dos restantes trezentos quarenta e cinco dias do ano.

Ir para férias! — expressão máxima da alegria de viver, da compensação do trabalho e do dever cumprido.

Onde passar as férias? Eis a sombra negra que se depara aos chefes de família. Claro está que as economias não permitem um veraneio nas primeiras zonas de turismo do país.

Gozá-las então na praia? Uhm! Os senhores perderam a moda de alugar prédios. Vendem-nos por dois meses...

Para as termas? Depende. A saúde o dirá... Quantas vezes esta cena se projecta no «écran» dos cálculos económicos do leitor.

Reconsidere, porém: não passou um ano envolto na vida emaranhada e turbulenta da cidade, em cujas ruas o buzinar dos autos atordoa, a atmosfera densa e esfumada detoeira os pulmões; nas mesmas cidades, em que a vida parece um sistema sincronizado de rodas dentadas? Cada um de nós, nesse ambiente mecânico dos grandes melos, é um «dente», sujeito ao movimento uniforme do motor e obrigado, portanto, todos os dias, ao mesmo vai-vem, ora na repartição, ora no escritório...

Se reconsiderou e se pensa que as férias são indispensáveis ao convalescer do espírito, não escolha grandes centros. Cairá na mesma rotina. Não hesite ao escolher um recanto típico forma de coração e filigrana. O peito delas, recamado de ouro, é antes uma montra de fios de contos ou cordões de ouro. Aproxime-se delas. São afáveis e comunicativas. Pergunte-lhes onde vão?! Para alguma romaria talvez?

Sim! — dirão elas, com desassombro, de uma aldeia do norte. Ai, o «modus vivendi» é puro, rústico. Todos os por-menores da vida quotidiana do povo são uma página a avolumar o livro das nossas recordações de férias.

Oh! — dirá o leitor — ótima ideia: o Norte. Afife, garrido, como que um palco, em que a própria natureza, pródiga, ensala os passos violentos dum «vira» — a dança das tricanas e das lavradeiras. O traje à vianesa fá-las vistosas. De Viana até Cerveira, através da costa, ora bafejada pelas ondas suaves do mar, ora voluptuosamente beijada pela brandura do rio Minho, a lavradeira fixa-se na retina do visitante como a protagonista sedutora dum romance de Walter Scott.

Imagine, leitor, que escolheu uma aldeia do Norte, do Alto-Minho, perto dumas termas, embora humildes, mas eficazes para cumprir a receita médica. O comboio, no seu ritmo habitual, parece caminhar menos veloz para que consiga dar apreo à verdura dos campos e ao adorno da estrada e das capelinhas esbranqueadas, no climo das quais alguns foguetes riscam o espaço, escrevendo a traços fortes que é dia de festa...

...Que é dia de festa, as lavradeiras o dizem — o lenço, cõr de canário; a camisa branca de linho; o colete com barra de veludo preto, com flores, virilhões e lanjeoulas; a saia vermelha forrada a azul escuro; o avental vermelho, com topos de lã; a algebeira cordiforme e rendilhada; as meias brancas de algodão e as chinelas de verniz preto — tudo constitui o rigor da indumentária destes dias festivos.

Outras lavradeiras vão de viagem; seguem no mesmo comboio. E é vê-las... Ostentam uns brincos de roda ou em

como dizia...

— O que me disseram é a pura verdade: toda a gente o sabe. Só os senhores que vêm lá da cidade é... que só sabem dizer palavras bonitas que nós aqui dizemos aos domingos. Foi assim: «Desejando o rei Salomão fazer uma longa viagem, mandou preparar, para ele e para a sua comitiva, banhos espalhados pelas várias paragens que tencionava visitar, tendo escolhido mágicos, surdos, mudos e cegos, para que nunca pudessem ouvir, ver ou contar o que iria passar-se nesses banhos maravilhosos...

«Por esse motivo, também nunca chegaram a ter conhecimento da morte do seu rei, continuando por isso a aquecer as águas das fontes no percurso da viagem. Há quem acredite numa outra origem misteriosa. Alguns julgam que as águas termas passam mesmo pelo inferno, outros há que pensam que o fogo interior dum vulcão aquece as águas, e é com receio que se debruçam sobre essas nascentes ruidosas e fumegantes, a que chamam poços de água a ferver».

Como vê, leitor, não precisa gastar as economias que angariou em tanto tempo de trabalho. Vá até à aldeia. Descansa. Distraia. E estuda a alma do nosso povo: «Mens sana in corpore sano».



Um aspecto da visita do sr. Ministro do Interior à Colónia de Férias das Juntas de Freguesia, em S. João do Tojal

FÉRIAS DE AGOSTO

mas corando — vamos para a romaria de Friestas, em Valença.

— E para que são essas telhas, que vocês levam aí atadas? Vão de casa mudada?

— Ah! Ah! — como elas sorriem, na sua ingenuidade simples — é que o senhor não sabe. O povo leva ao Santo, no dia da romaria, a oferta de sal e telhas... roubadas.

— Eh? — Roubadas, sim! Apesar de todos os artigos do código, é este o voto, o de ir roubar algumas telhas novas aos telhados do vizinho e, atadas com um limo, levá-las ao Santo Ovídio, no dia da sua festa.

Um passageiro, discreto, aproxima-se. — Certamente o senhor não é do Minho e desconhece este costume curioso. A tradição explica que, sendo a ermidinha muito batida pelos ventos e entrando a chuva no interior, havia a mútua necessidade de consertar o telhado, para que o Santo esteja coberto.

O mesmo cavalheiro reata conversa: — Já sei. Daí a oferta das telhas.

— Oh! O senhor, se demorar por cá alguns dias, diverte-se.

— Com as romarias?

— Não só com as romarias. O nosso Minho é um rosário de costumes e lendas típicas. Se não tivesse de descer na primeira estação, teria muito que lhe interessava-lhe, decerto, e dava por bem gozados os dias de férias. A propósito, leva a família para...

— Vá para as termas...

E uma moçoila intromete-se: — Ai, eu já fui para as termas um ano, com uma minha tia, muito rica, que está em Lisboa. Foi então que aquela gente lá da aldeia me contou por que é que a água saía misteriosamente do chão e a ferver...

— Estou interessado em saber como é que lhe explicaram o facto de a água brotar do solo, em ebulição, a ferver... como dizia...

— O que me disseram é a pura verdade: toda a gente o sabe. Só os senhores que vêm lá da cidade é... que só sabem dizer palavras bonitas que nós aqui dizemos aos domingos. Foi assim: «Desejando o rei Salomão fazer uma longa viagem, mandou preparar, para ele e para a sua comitiva, banhos espalhados pelas várias paragens que tencionava visitar, tendo escolhido mágicos, surdos, mudos e cegos, para que nunca pudessem ouvir, ver ou contar o que iria passar-se nesses banhos maravilhosos...

«Por esse motivo, também nunca chegaram a ter conhecimento da morte do seu rei, continuando por isso a aquecer as águas das fontes no percurso da viagem. Há quem acredite numa outra origem misteriosa. Alguns julgam que as águas termas passam mesmo pelo inferno, outros há que pensam que o fogo interior dum vulcão aquece as águas, e é com receio que se debruçam sobre essas nascentes ruidosas e fumegantes, a que chamam poços de água a ferver».

Como vê, leitor, não precisa gastar as economias que angariou em tanto tempo de trabalho. Vá até à aldeia. Descansa. Distraia. E estuda a alma do nosso povo: «Mens sana in corpore sano».

O MEU SONHO DE ANTEONTEM

FOI ante-ontem. Entardecia. Para os lados da barra uma nevoazita dourada empoava o casario. Era uma hora quieta numa rua velhinha, dogmática nas suas sacadas floridas, piedosa nos seus azulejos com o santo padroeiro sobre a verga das portas. Nem uma blasfemia de cimento armado. Nem uma telefonía a quebrar o silêncio. Cheirava a paz. Cheirava a 1900.

Ao longe, uma voz como as de então: — «Quem quer figos, quem quer mernear?»

E eu, cá por dentro, a sentir-me novo. De repente a ilusão foi completa. A rua voltava para a direita num começo de rampa. Olhei e vi. Que vi eu? Um namorado de janela. Não se riam. Vi.

Ele, do lado de lá, olhava e fazia sinais. Ela, do lado de cá, sorria.

Parei a enrolar um cigarro, devagar, para não perder aquela visão arcaica que me fazia mais novo, que me restituía um bocadinho daquela Lisboa que, como diria o João de Deus:

«...Não sei se voou se ma levaram...»

mas de que tenho saudades, umas saudades que abrangem a «palavra de honras», os «pasteis de nata de Belém», as «coroas» de prata, os cabelos que já caíram e uma certa dose de patetice que me deixava acreditar em muitas coisas suaves.

Acendi o cigarro e passei. Eles lá ficaram naquele banquete platónico de sorrisos e gestos, e eu, rua acima, fui a pensar no amanhã deles, depois dos gestos se tornarem palavras, depois dos sorrisos se tornarem beijos, e vi-os, ela a contos com a vida, ele a contos com as contos.

— Olha, amor, hoje não tens açúcar. Queres leite? E também não há manteiga. Mas eu trouxe um bocadinho de marmelada... Gostas?

E na minha alma, sinceramente, pungi-me uma saudade profunda, avassaladora, uma saudade sem remédio de toda a prosa daquele tempo que, hoje, se existisse, era poesia e conforto. O pão de pataco! A sala de Sintra com a manteiga em bolas, a oito tostões! E tudo, tudo o que se bebia, se comia, sem dificuldades, sem «bichas», sem esforço.

Nesse tempo era possível amar. Era possível ter casa. Jantar era um acto banal, mas quando havia um bolo entrava o sonho pela janela.

E os dois, lá em baixo a olharem um para o outro, como dantes, como se não fosse agora...

E a mãe dela, e a mãe dele — ambas, cada qual na sua casa, a resolver o problema do dia seguinte.

E tive vontade de voltar para trás, chamá-los e dizer-lhes:

— Olhem, meus amigos, fiquem por aí. Olhem só. Olhem eternamente, porque lá está o ditado:

(Continua na pág. 14)



COLHENDO OS FRUTOS DA VITÓRIA...

Num concurso de beleza infantil realizado em Brentwood, no dia da celebração da independência da América, o menino Hiland Moore, recebe um beijo duma das suas competidoras.



EM BUENOS AYRES HOUVE UMA GREVE DE LOCUTORES DA RÁDIO! Os locutores da Rádio Argentina puseram-se em greve por pretenderem melhoria de vencimentos. E saíram para a rua, numa manifestação de protesto, exibindo cartazes onde se lê: — «Os operários menos afortunados ganham melhor soldo que muitos locutores da Rádio! Isto tem de acabar!». Locutores de quarenta grandes emissoras argentinas protestaram, nas ruas, de viva voz — como, aliás, é lógico — contra os proprietários das estações!



Margarida Angela

A PRIMEIRA PORTUGUESA QUE QUIS SER DESENHADORA-LITÓGRAFA E QUE, ALÉM DE DESENHOS FAZ HISTÓRIAS POLICIAIS...

NASCEU no Uruguai — é portuguesa, filha de um cônsul poeta — e viajou pela Itália e pela Grécia. Seria, então, este ar cosmopolita — a mãe é espanhola — que lhe deu um temperamento diferente do que têm, na maior parte das vezes, as raparigas portuguesas da sua idade? A loira chama-se Margarida Angela, mas desde pequenina que ela própria se crismou, precisamente porque não tinha os cabelos dourados das filhas do Albion. Nunca foi como as outras meninas da sua idade: brincava em casa com os irmãos e as irmãs, construindo máquinas de projecção, inventando argumentos de filmes e redigindo um jornal —

«O Arauto» ou «O Cornetim», como nos romances de Eça de Queiroz... — e que foi, durante anos, o de maior circulação no prédio onde reside a filha escola...
Então, Margarida Angela começou a ilustrar as histórias que inventava. Havia sempre uma nota inédita, qualquer coisa de muito pessoal e muito seu que fazia desta pequena de oito ou nove anos — e ela foi precocemente inteligente e original — uma menina prometedora. As suas histórias eram de aventuras e de características policiais; os seus desenhos tinham um ar caricatural muito espontâneo. Podia ter procurado o colégio, o liceu, a Faculdade. Mas, original como era, antes quis ir para a Escola António Arroio — para cursar desenho litográfico. Foi a primeira rapariga que teve esta inspiração, sem diletantismos, com o

desejo único de querer ser «operária e ganhar a sua vida. Não é verdade que, quando se foi matricular, lhe disseram, na secretaria, escandalizados: — Mas isto é um curso para rapazes! E Margarida Angela de Carvalho Gandara — ela assinava só os dois primeiros nomes — que foi aluna dilecta desse rapaz cheio de mérito revelado, que é o Rodrigues Alves, preparou-se para não ser dilatante: quer entregar-se ao profundo conhecimento da sua arte — e quer continuar a escrever histórias de detectives, como essas, em fascículos, que escreveu com «grande êxito», para os seus companheiros de escola, intituladas «Alô, Sherlock... daqui Steets O'Seal».
Este sr. Steets O'Sea é uma réplica ao detective inglês, criado por Margarida Angela e que, quem sabe, talvez seja um dia uma grande figura da literatura policial...
Por agora, Margarida Angela quer, apenas, escrever histórias, trabalhar como operária, de macaco, numa oficina, e ilustrar os seus pequenos contos, muitos dos quais já foram publica-

dos em revistas infantis. Mas, depois destas aspirações, ela ainda tem outras, como nos disse há pouco, com o imprevisito dos seus 17 anos: — Ir de avião ao Rio de Janeiro, ter uma bela casa à beira da Guanabara... e mergulhar no oceano, sem pensar em maiores preocupações!
Mas terá esta pequena artista alguma preocupação, além dessa de fazer romances policiais, litografia e cinema? Na sua sala de trabalho há, de facto, tudo o que importa ao mundo do cinema: máquinas de projecção, filmes por ela realizados, sobre argumentos seus, «dossiers» de «artistas» por ela criados, os «mapas da ilha» do seu mundo cinematográfico, biografias dos seus realizadores, ficheiros com os filmes realizados — tudo, enfim, o que pode interessar à montagem de uma verdadeira máquina da arte e da indústria de cinema...
— Infelizmente — diz Margarida Angela — eu que muito gostaria de ser realizadora, por enquanto, para fazer fitas, a única coisa que julgo saber... é ver fitas!

UMA BASE NUMA MORTALHA

por MARGARIDA ANGELA

Livros de Capa Amarela

são obras de bons autores e não são caros...

- W. SOMERSET MAUGHAM:
O Mundo é Pequeno (280 págs.)..... 16\$00
- VALENTIN KATAEV:
O Desfalque (220 págs.)..... 16\$00
- BERNARD SHAW:
Amor de Artistas (424 págs.)..... 24\$00
- SELMA LAGERLÖF:
Lenda de Gösta Berling (384 págs.) 20\$00
- MIHÁLY FÖLDI:
Anna Kádár (312 págs.)..... 15\$00
- BERNARD SHAW:
Casamento Desigual (344 págs.)..... 20\$00
- PIRANDELLO:
Mulher Banida (224 págs.)..... 15\$00
- BERNARD SHAW:
O Altruísta (280 págs.)..... 16\$00
- PITIGRILLI:
Dolicocéfala Loira (288 págs.)..... 18\$00

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Editorial Minerva
31-RUA LUZ SORIANO-33
LISBOA

POUCO antes da guerra acabar, um jovem tenente da marinha americana teve o capricho de desenhar numa mortalha o mapa duma base militar, ignorada do inimigo. Era um pequeno trabalho de arte e paciência a que os colegas de Jonny, jovens tenentes como ele, acharam imensa graça, elogiando-lhe a muita habilidade.

O próprio comandante felicitou o jovem artista, mas recomendou-lhe, em todo o caso, que destruisse essa maravilhazinha que, por se tratar de um documento perigoso, poderia constituir uma poderosa arma nas mãos do inimigo. Naturalmente, o jovem tenente prometeu destruir a mortalha. Mas uma tentação o assaltou: por que não havia de a mostrar a sua irmã, encorporada nos serviços auxiliares da marinha?

E um dia que pôde, correu a visitar Cleire, sem se esquecer de levar a mortalhazinha... Diante da pequena maravilhla, a Cleire achou que o seu Jonny era um artista. E, se bem que o trabalho tivesse algum valor artístico, ela apanhou-o de tal modo que a si própria se convenceu de que o irmão era único no mundo — o que, aliás, costuma acontecer sempre que uma pessoa da nossa família faz qualquer coisa de valor mais ou menos absoluto ou relativo...

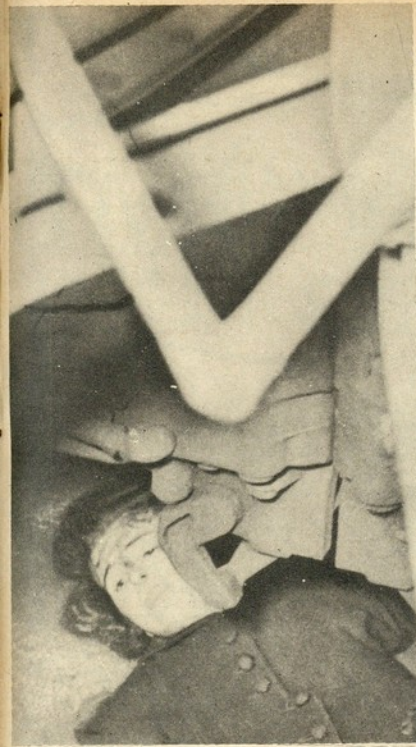
— Oh! Jonny! — disse ela olhando o irmão. — Só a ti é que te podia lembrar uma coisa destas. Vais dar-ma, sim?
— Não! — respondeu Jonny, fiel às recomendações do comandante. — Devo destruí-la. Trata-se de um documento que o inimigo gostaria de apanhar, bem vês...
Cleire ficou com pena. Mas não disse nada. Que podia ela, afinal, contra o dever e a vontade do irmão? De resto, nesse momento, três colegas de Cleire entravam pelo quarto dentro. Estavam de folga e tinham combinado ir a um baile com os namorados.

— Prometeste emprestar-me as luvas! — gritou uma delas, uma lourinha de nome Jane.
Que invasão! Que invasão! — disse Cleire, correndo à procura das luvas, enquanto Sylvia, a mais dessembarçada das três raparigas, perguntava, apontando para Jonny: — É o teu irmão, Cleire, o da marinha?

Pamela, a mais sossegada, que já conhecia Jonny, apressou-se a dizer: — Sim, é o irmão de Cleire! E, voltando-se para ele: — Como vai?
— Noutro tempo, Jonny tinha feito a corte a Pamela. Mas Pamela tinha-o deixado e passou a namorar um rapaz que estudava pintura numa escola de Belas-Artes. É provável que Jonny já não pretendesse nada de Pamela. Mas como o seu amor próprio talvez estivesse ferido, lembrou-se de mostrar à rapariga que, sem ter estudado desenho, conseguia desenhar uma base numa mortalha — o que, valha a verdade, talvez o seu antigo rival não tivesse sabido fazer...

E, depois, que mal havia em mostrar aquela prova da sua habilidosa paciência, às três pequenas que, afinal, pertenciam à marinha? Jonny não hesitou. Tirou a mortalha da cartelinha e disse, apresentando-a a Pamela: — Conhece esta base? Houve uma exclamação de surpresa e admiração entre as raparigas que, rapidamente, rodearam o jovem tenente.

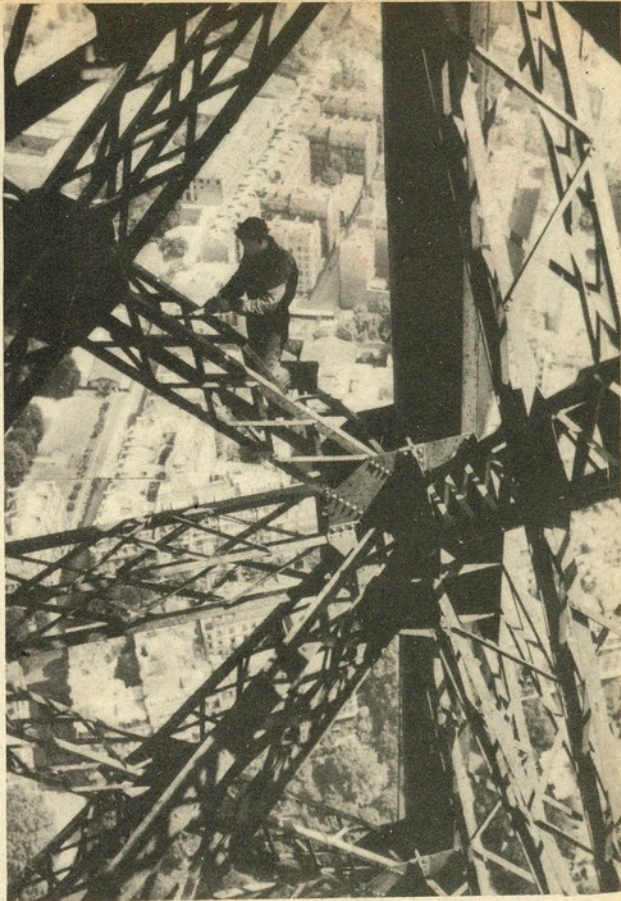
Cleire, que regressava com as luvas para emprestar a Jane, parou um momento embevecida, perante a admiração que o seu irmão causava àquelas três pequenas suas amigas. E tornou a pensar que o seu Jonny era único no mundo...
— Maravilhoso! — disse Sylvia. — Você é um verdadeiro artista! (Mesmo que ela exagerasse um pouco, ninguém reparava, porque



O FOTÓGRAFO IA A PASSAR...

...no momento em que uma senhora ficava sob o «Metro», na estação de Beonx, de Nova-York. Gravemente ferida na cabeça e no pé direito, foi transportada ao hospital Beekman.

Esta é das fotografias que só podem fazer-se por acaso...



todos pensavam da mesma maneira...)

— Que base é esta? — perguntou Pamela. — Nunca ninguém me falou...

Jonny interrompeu: — Não interessa o seu nome nem o lugar onde fica. O inimigo é que podia gostar de saber...

— Mas aqui estão os nomes... — principiou Sylvia, tentando ler o nome da povoação, escrito no pequeno mapa.

Cleire interrompeu: — Vocês estão a demorar-se. Não cheguem tarde ao baile... Ah! Quem me dera estar também de folga!

Jane calçou as luvas e olhou para o espelho. Trazia um bonito vestido preto e como único adorno um cordão de ouro com as letras do seu nome penduradas: JANE. Sylvia era mais espalhafatosa. Cingia-a um vestido azul com grandes ramagens pintadas e, nos braços, usava uma infinidade de pulseiras de ouro falso. Só Pamela, discreta e gentil trazia no seu vestidinho branco um alfinete pequeno também com o seu nome: PAMELA.

Rapidamente, deram os retoques ligeiros à «toilette», e ainda falaram na obra de arte do jovem tenente da marinha.

— Ele tem de destruí-la — lamentou Cleire. — O comandante pediu-lhe que a queimasse, por se tratar de um documento que o inimigo não desdenharia possuir...

— E porque não a queimou ainda? — tagarelou Jane, olhando sempre a sua imagem no espelho.

— Vai queimá-la! — respondeu Cleire. — Veio só mostrar-ma...

Jonny tinha pousado a mortalha sobre a mesa e procurava nos bolsos o isqueiro. Mas quando, finalmente, acabava de o encontrar, o telefone retinou. Segurando o isqueiro e a mortalha na mão esquerda, Jonny pegou no auscultador com a direita. Afinal, sentia pouca pressa de queimar uma coisa que lhe tinha custado tanto a fazer... Do outro lado do fio, uma voz respondia ao «alô» de Jonny: era um amigo da casa, Steets O'Sea, o «detective». Sabia que Jonny estava de folga e queria ir visitá-lo.

— Vem depressa, O'Sea! — exclamou Jonny. — Já agora, espero por ti para te mostrar uma coisa que eu fiz... Mas não te demores, de contrário chegarás tarde demais!

Ouviu-se a voz de O'Sea dizer do outro lado: «O.K.», e Jonny descansou o auscultador...

Mas, então, deu-se uma coisa inexplicável: a luz do quarto apagou-se

e alguém arrancou, violentamente, a mortalha de entre os dedos de Jonny.

— Eh! Déem-me isso! — gritou ele, estendendo os braços na direcção em que julgava estar o autor da brincadeira.

No meio da confusão ouviu-se a voz de Cleire perguntar:

— Mas quem apagou a luz?!

E bateu na parede, até encontrar o interruptor, que carregou rapidamente, iluminando o quarto.

— Estúpida brincadeira! — suspirou Pamela que, por ser a mais sossegada, também era a mais enojada.

— A minha mortalha, onde é que está a minha mortalha? — interrogava Jonny aflito.

— Mas, então, desapareceu?! — perguntou Cleire.

Houve uma exclamação geral de pasmo, quando Jonny gritou desesperado:

— Tiraram-ma! Tiraram-ma! Há entre nós um traidor!

E, enquanto todos se dispunham a procurar no chão ou nos móveis, Jonny desabafava:

— Porque é que a não queimei logo? Porque, meu Deus?

— Oh! Jonny, está a fazer graves acusações! — censurou Pamela. — Todas nós somos da marinha, éramos incapazes de...

Mas o pobre rapaz sabia muito bem que lhe tinham arrancado das mãos o precioso documento e não deixará de ouvir contar algumas extraordinárias histórias de espias que andavam por toda a parte...

Ainda assim, não estaria a exagerar? E quis iludir-se, porque talvez estivesse a ser injusto:

— Se foi brincadeira, devolvam-me a mortalha. É um assunto sério... Seria um desastre para nós que o inimigo o apanhasse...

— Eu não a tenho! — disse Claire.

— Eu não a tenho! — disse Pamela.

— Eu não a tenho! — disse Jane.

— Eu não a tenho! — disse Sylvia.

Depois, por momentos, fez-se um silêncio profundo. E todos ali ficaram petrificados, imóveis, apenas trabalhando os cérebros exaltados...

Steets O'Sea, esse jovem e extraordinário detective, cujos êxitos pareciam disputar, na vida real, a arte de Sherlock Holmes, tinha o instinto e a formação profissional de sempre chegar a tempo. Num instante, saltara a casa de Jonny, que lhe prometera uma surpresa. E, como se

(Continua na pág. 14)

A 200 METROS DE ALTURA

SERENAMENTE, sem vertigens, brigadas de pintores acrobáticos estão cobrindo de tinta a torre Eiffel.

A 200 metros de altura, sem necessidade de serem ligados, esses homens ganham diariamente a vida, arriscando-a. Um pequeno descuido, um momentâneo desequilíbrio, e é o fim. Naquela intrincada teia de aranha de aço, os homens movimentam-se à vontade, e até agora não se registaram desastres.

L. MAITRE & FILS S.A.

PRONTO
WATCH CO
LE NOIRMONT (SUISSE)
CABLES: PRONTO TEL. 4.61.05

A MUNDIAL SEGUROS

A MELHOR CABELEIRA
PARA
O MELHOR PENTEADO



Só
Crinisil
(TRATAMENTO INTERNO)

PODE ASSEGURAR...



COMPOSIÇÃO: FERRO, MANGANES, CÁLCIO E SÍLICA

NA LUTA CONTRA
A QUEDA DO CABELO

TUBO DE 50 COMPRIMIDOS: ESCUDOS 25800 NAS FARMÁCIAS

DEPOSITÁRIOS: ESTABELECIMENTOS CANOBBIO
RUA DAMASCENO MONTEIRO, 142 — LISBOA



ENTREGA DOS PRÊMIOS DE CINEMA NO S. N. I.



Um aspecto da assistência, vendo-se alguns dos premiados



A actriz Carmen Dolores, que acaba de receber um prémio das mãos do sr. Ministro da Educação Nacional, procura fugir da obiectiva, pois interrompeu as filmagens em que está tomando parte para comparecer no distribuição dos prémios, e encontra-se «maquilhada».

MEIAS AMERICANAS (NYLON-DUPONT)

51 Gauge

A autentica meia de vidro
Recebemos directamente em todos os tamanhos

MEIA DE VIDRO

Rua Augusta, 158

UM DEBATE E UMA BATALHA

(Continuação da pág. 9)

Ruhr. Se a Alemanha já estivesse reorganizada em três quartas partes na sua estrutura constitucional com vista a uma federação de seus Estados, muito mais difícil houvera sido a Molotov apelar para os nacionalistas alemães, a descentralização da Alemanha teria sido facto consumado».

Isto equivaleria, sem dúvida, a uma política definida, posta em acção prática logo após o armistício. Mas para tanto teria sido necessário possuir uma, estabelecida no espirito e na vontade, e ter ainda a autoridade de um prestígio internacional capaz de a impor à Rússia e à Inglaterra. Ora, os Estados Unidos tiveram a conduzi-los o homem excepcional que possuía essa política e essa autoridade: Roosevelt. Na Secretaria de Estado havia em precioso depósito a herança dessa política. O que não houve nem tem havido são testamenteiros idóneos e competentes.

Ouçamos ainda Lipmann: «Byrnes foi, porém, afastado da regulamentação do problema alemão pelos russos, que queriam tirar vantagens imediatas das suas conquistas na Europa Oriental, e pelos britânicos que estavam profundamente perturbados com a sua vulnerabilidade no Médio Oriente. E deste modo Byrnes foi levado a ocupar-se da Alemanha muito menos seriamente do que devia».

E o libelo aprofunda-se: «A nova política alemã foi fundamentalmente paralizada por ideias contraditórias. Uma é a noção americana — essencialmente falaz e absurda — de que a Alemanha podia deixar de ser perigosa se fosse mantida em estado de impotência económica. A outra é a versão contemporânea da política tradicional dos ingleses no fim das guerras, a saber que a nação vencida deve ser utilizada para restabelecer o equilíbrio de forças contra o vencedor mais forte. Números são os ingleses que já não têm fé nesta política, mas seria não pretender que ela não tem influenciado as reações da Grã-Bretanha com a Alemanha desde o fim das hostilidades».

«Lipmann cita (se é que a sua voz de americano não traduz antes uma confissão) o discurso de Churchill em Fulton, significando que «a Alemanha ocidental é um bastião militar contra a Rússia, e que uma coalisão militar contra a Rússia que não haja conta do potencial de guerra alemão, é rematada tolice». Quando se afirmou — com

raões que ainda não se apagaram no desastre da política internacional conduzida pelos Três Grandes nem infelizmente se delirão nos seus efeitos através do próximo quarto de século — que Churchill, ao declarar primeiro que a guerra não tinha conteúdo ideológico e depois ao proclamar em Fulton a cruzada anti-russa e a defesa dos regimes de violência, virara do carnavá a verdade e a coerência, desenganando a ideia e a energia geral dos povos que ao lado da Inglaterra e para a salvar se haviam batido contra a Alemanha — ergueu-se um tolle clamoroso nas fileiras do ordeirismo retrógrado que sacrificava a paz baseada na liberdade e no direito à defesa dos interesses instalados e ao predomínio da plutocracia internacional.

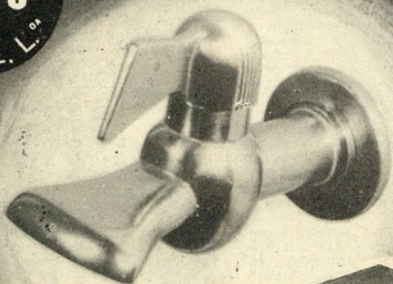
O depoimento de Lipmann vem, na hora própria, castigar os cegos voluntários e os calculistas cínicos, e vingar os povos dos ultrajes de tantas e tantas mentiras, mostrando insuspeitamente e até com a autoridade do seu renome que por detrás das Novas Cruzadas se disputa somente uma posição de hegemonia.

E esta a tragédia da paz. A conclusão do escritor é formal e exacta: «É possível que a política russa sempre haja este objectivo profundo. Numerosos indícios e especialmente a atitude de Molotov no passado, apontam a que essa política sempre foi praticada, sempre foi a verdadeira alternativa de uma cooperação da Rússia com o Ocidente. Mas a verdade é que para os russos a balança devia perder definitivamente a favor dessa política... não se dá em que os britânicos, segundo dos americanos, encaravam tão superficialmente a Alemanha para se servirem dela contra a Rússia. Ora, os alemães notaram todas as indicações deste género, e sabem que nem todas eram produto de uma imaginação desconflada... No estado actual das coisas, o que Byrnes oferece não tem relação alguma com as realidades, é muito provável que não logre obter o que pede, e mesmo que o consiga, o problema não ficará resolvido».

Estas revelações iluminam o panorama internacional quando, na segunda e mais perigosa fase dos sucessos, a discussão dos Tratados vai de novo pôr à prova a ansiedade dos povos.

TORNEIRAS PARA TODAS AS APLICAÇÕES

TORNEIRAS
TAGO
FICOLL S.



EVITE
os incomodos e aborrecimentos
utilizando em sua casa
as Torneiras
TAGO

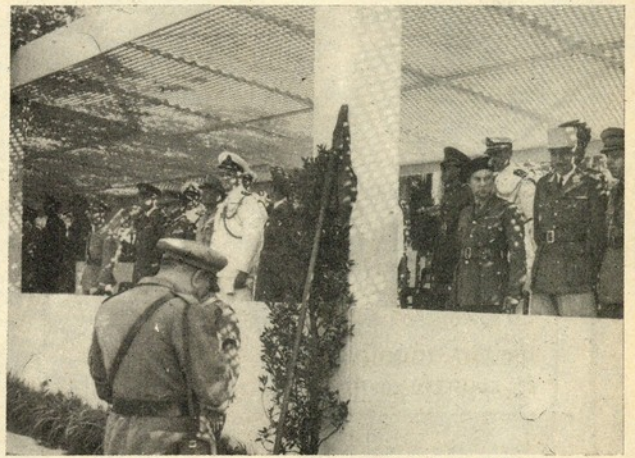


Os concorrentes às provas automobilísticas do Estoril, organizadas pelo brilhante jornal da especialidade, «O Volante». No primeiro plano vê-se o director do jornal organizador da prova, Campos Júnior.

O DIA DA INFANTARIA



O Chefe do Estado, na tribuna de honra



Os adidos militares estrangeiros, assistindo ao desfile



Um aspecto do desfile, no qual tomaram parte 14.000 soldados

UMA FESTA NA CASA DOS RAPAZES DA CIDADE



Os «Rapazes da Cidade», benemérita instituição, interpretam uma peça em 1 acto, na festa ali realizada há dias



O arfeão dos «Rapazes da Cidade» é composto por poucos elementos, mas é impecável de afinação e conjunto

Com **NIVEA**
ao ar e ao sol!

As crianças antes de se exporem ao sol na praia devem ser cuidadas com Creme Nivea ou Oleo Nivea. Friccionando o corpo em seco com Nivea a pele adquire um tom moreno, fica macia e defendida das queimaduras de sol. Nivea produz efeitos refrescantes.



Preço desde 6\$00

Pestana, Branco & Fernandes, Lda
39, Rua Sapatarias, Lisboa

ALENTEJO

TERRA DE PÃO



Logo que se alcança a planície desabrigada de vegetação que se estende além Tejo, começa-se a respirar a asfáltica atmosfera das terras poeirentas e castiçadas do sol, onde, nestes dias quentes de ceifa, homens curtidors pelo suor, estão escrevendo com suor uma epopeia do trabalho.

Em grupos, vêm de terras distantes a caminho da herdade. Caminham. Trigo até ao cabo do horizonte e debaixo dos pés, o calor dum chão queimado, sem o abrigo duma sombra ou o consolo duma gota de água.

Arrancam forças para as cantigas que, em voz nostálgica, se elevam na vastidão dos campos, perdendo-se nos longes:

O Alentejo não tem sombra
Se não a que vem do céu!

Vestidos de trapos, peles e saragoça forte, bem coberto o corpo — o que abriga o frio tapa o calor — o bando caminha de foice à cinta e chapéu largo a deixar que a cabeça não apanhe toda a torreira daquele sol que faz subir o termómetro a 50° graus. O céu está baço, acinzentado.

Quando chegam à herdade, o maneiro acerta de empreitada a folha. Calculam e deitam mãos à obra: quadro gigantesco do esforço humano. Tão belo e tão vigoroso que só em Fialho encontrou o seu verdadeiro cronista.

CEIFEIROS

Os homens colocam-se em linha, à banda do trigo, distancados seis metros uns dos outros. E começam, em silêncio, a terrível faina de ceifar. Trazem as pernas apolainadas de trapos, atados estes por cordas que se lhes entrecruzam desde o sapato até às coxas, por defesa nos abrolhos do restolho; trazem nos braços e nas mãos piúgas velhas, de que fizeram mitenes contra as escoriações da palha ardente.

e a cara mal se lhe vê sob as abas do chapelão de feltro ou de palmeira, e o mover dos seus rins traí o derreimento de miseráveis envilecidos pelas moedeiras da fome e do trabalho. Com a mão direita lançam a foice ao rez da terra; com a esquerda agarram nos caules e vão deixando atrás de si o trigo, em pequenos molhos paralelos. Aqui, além, ainda os mais novos cantam, mas nas respirações apressadas, a palestra entrecorta-se-lhe de pragas quando o suor, trespassando a saragoça das calças e o pano cru das camisas, começa de se lhe pegar à carne, salgado e chamuscado-lhe as sarnas como fogo. As primeiras horas até ao almoço são suaves porque os 32 graus ao sol para os moscardos são suaves de salamandra, afeitos a torrar.

Apenas alguma sede, um ou outro assopro aos moscardos não são indoles de salmândra, ao sol para indagar se a mela que os perseguem e olhadelas ao sol para indagar se a mela hora de descanso do almoço estará longe. Esse plácido refúgio, porém, por pouco alcança, que a fornalha solar refila regno, porém, por pouco alcança, que a fornalha solar refila perversidade.

A oriente o sol vem caminhando, fugindo da fumarada do horizonte, passando da cor do sangue a bronze líquido; e os seus raios, à medida que se aprumam, trazem na escada d'encina, náuseas de veneno e angústia horrível. A angústia de todo, os cães arqueiam de língua caída, as cavalgaduras cessam de rirhar; calam-se os pássaros, os ares fream mais turvos, a sombra não sede de paladar, tendo por centro bótico da sede, não sede de paladar, tendo por centro refrigério a gorja seca, mas sede de sangue espessado nas artérias, extenuadora sede dos tecidos, colossal, geral, que nada estanca e sob cujo estertor o cérebro zumba nos alucinantes delírios de insolação. Julgareis que a temperatura, marcada ao sol por 44 mortais riscos do termómetro, tocado este acume, regressa lentamente às virações mais fugidias da tarde.

(Continua na página 14)



O carro alentejan de fuceiros de azinh marcha pelas terras ressequidas da herdade. A madeira e parece despregar-se com força do calor.



O velho mageiro, vestido de peles, vigia o trabalho.



A fornalha refilva brasidos, mas a mocidade vence as agonias do calor e abre-se num sorriso

O rapaz que liga o «noute» às necessidades de quem ceifa na herdade. É ele que leva a água.



1) Opressos, congestionados, sorvendo o ar rarefeito com medonhos esforços de clavículas, o ceifeiro trabalha enquanto o termómetro marca 48 e 50 graus. 2) O trigo é debulhado mecânicamente, mas é a mesma epopeia dura do trabalho. 3) Montes de palha que cuidadosamente guardados, servem para sustento do gado. 4) Uma carrada de palha. O seu arzanjo exige uma longa aprendizagem.

sabla esperado, entrou sem bater. Mas, agora, por um momento, detinha-se no limiar da porta, a ver aquele grupo de pessoas imóveis e fitando-se uns aos outros com a expressão transtornada e que não davam pela sua presença.

— Que aconteceu? — perguntou o detective sem sair do limiar da porta. Jonny deu um suspiro fundo que parecia tê-lo transportado de novo a este mundo, e explicou:

— A minha mortalha desapareceu. Querla mostrar-ta, representava o mapa de uma base desconhecida para o inimigo, o comandante recomendou-me que a queimasse... e eu...

— Como desapareceu?

Perante a explicação rápida da cena anterior, Steets O'Sea lançou um olhar à sua volta. Uma a uma, examinou as raparigas que, imóveis, o olhavam também.

Depois, o detective sorriu e perguntou-lhes:

— Viram-se todas bem ao espelho? A pergunta pareceu disparatada, mas elas responderam:

— Vimos... Com certeza que vimos... Toda a gente sabe que quando se vai a um baile...

— Jonny — disse o detective — tu vais ser o primeiro de todos nós a pegar na mortalha!

Depois, dirigiu-se a Jane e, antes que ela tivesse feito um movimento, agarrou-a fortemente pelos pulsos. Uma onda de nervosismo tomou os presentes. Jane parecia que ia gritar. Mas o detective, dominando-lhe os movimentos e a voz, exclamou:

— Cale-se! Esteja quieta!

E, virando-se para o amigo:

— Esta senhora gostará de te oferecer o seu colar...

Sem perceber bem ainda, Jonny avançou e tirou-lhe o colar. No fecho, lá estava a mortalha nervosamente encaixada, depois de ter sido amarrada...

Assombrados ainda, todos olharam o detective.

— Como descobriu? — perguntou Cleire, correndo para ele, sem querer acreditar.

— Muito simples! — disse o detective. — Com a pressa de, às escuras, amarrar e guardar no fecho a mortalha, esta senhora não reparou que pôs o colar do avesso. E as letras penduradas ao contrário, em vez de formarem o nome JANE, ficaram a fazer ENAJ. Ora, não era provável que ela tivesse vindo já assim de casa, porque bastava um olhar para ver o engano... De certo, ela mesma viu o erro mal acenderam a luz novamente. Mas, para não despertar suspeitas, esperou melhor ocasião para pôr direito o colar. Felizmente, eu cheguei primeiro...

Jonny recuperou o sangue frio. O detective aproximara-se e via, agora, o desenho do seu amigo.

— É, de facto, um trabalho muito curioso, caro Jonny, mas eu aconselho-te a que sigas o conselho do teu comandante...

APRENDA RÁDIO
POR CORRESPONDÊNCIA, PEÇA FOLHETOS GRÁTIS

ACADEMIA NACIONAL DE RÁDIO
A. DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 - PORTO

ODOL sinónimo de:

Dentes brancos e brilhantes
Gengivas rosadas
Alito puro e agradável

À PASTA DENTÍFRICA 100%

Peça nas boas Farmácias, Perfumarias e Drograrias um produto de confiança e lhe aconselharão

Mas qual regresso! São nove horas da manhã — apenas, e daí às três o termómetro não fará senão subir.

Começa então o pavoroso espectáculo da natureza e do homem, torturados à foga para expiar o crime dum ter dado o fruto e de outro insistir em viver dele.

O almoço dos ceifeiros é parco e sem vontade: pão seco e azeitonas, algum queijo de cabra ou laranjita mirrada e água! água! água! bebida pela boca dos cántaros, a plena gorja, ou de bruços nas poças cheias de limos, onde batráquos estagnam, cór de lama, de olhos estáticos no sol como faquires.

Impaludismo, desinteria, tifo, o que eles bebem? Deixá-lo; a sede não reflete; cada gota daquela podridão vale mil vidas; e são gotadas e gotadas, a cada instante o cántaro despeja-se e o rapaz sai a mergulhido no charco próximo, que os cães turvaram banhando-se dentro, e donde bandos de pássaros fogem, regalados.

Mela hora de repouso após o almoço. Mas repouso aonde? Os arvoredos são raros, a terra escaldada, na rara sombra os insectos chacinam, furiosos. Ao mesmo tempo começa a fazer-se um inquietante silêncio na charneira, um silêncio irrespirável.

...Opressos, congestionados, sorvendo o ar rarefeito com medonhos esforços de clavículas, haustos agónicos, e verdadeiros rios de suor no torso latejante, os condenados ceifeiros lançam a foíce e a palha estala, os molhos vão caindo nos regos em filas regulares e paralelas, que o managreiro acama e junta. Não falam. Toda a energia animal consumida a abrir e fechar o tórax ao oxigénio atmosférico, assopram! E alguma palavra, na boca Thes seca, apenas solta num gemido o monossílabo primeiro.

Dez, onze horas... o termómetro subiu a 48 e a 50 graus...

Depois, é o carro alentejano, de feuiros de azinhu que segue pelo restolho ressequido para transportar para a máquina o pão deixado na terra. A madeira ressequida chin e parece desagregar-se com a força do calor. Roteiros de molhos. Tapado de peles, o homem avança pelas terras, junto ao carro. O trigo vai ser debulhado; o grão arreadado. De novo prossegue a luta velha do homem com a terra.

O MEU SONHO

(Continuação da pág. 3)

Casa onde não há pão...

E a realidade de hoje estragou-me a visão de ontem. Não quis mais saber deles. Não me voltei para tornar a ver a poeira de ouro que descia do céu como uma troça metálica às notas de vinte que não chegam para nada.

Pensei noutras coisas mais actuais e, sem saber como, encontrei-me na «bicha do Eden, à espera de vez.

Um casal moderno passou rente de mim. Ele leu em voz alta o título do filme: «Ladrão, precisa-se...».

E ela com um juízo muito seguro da vida, respondeu-lhe a sorrir:

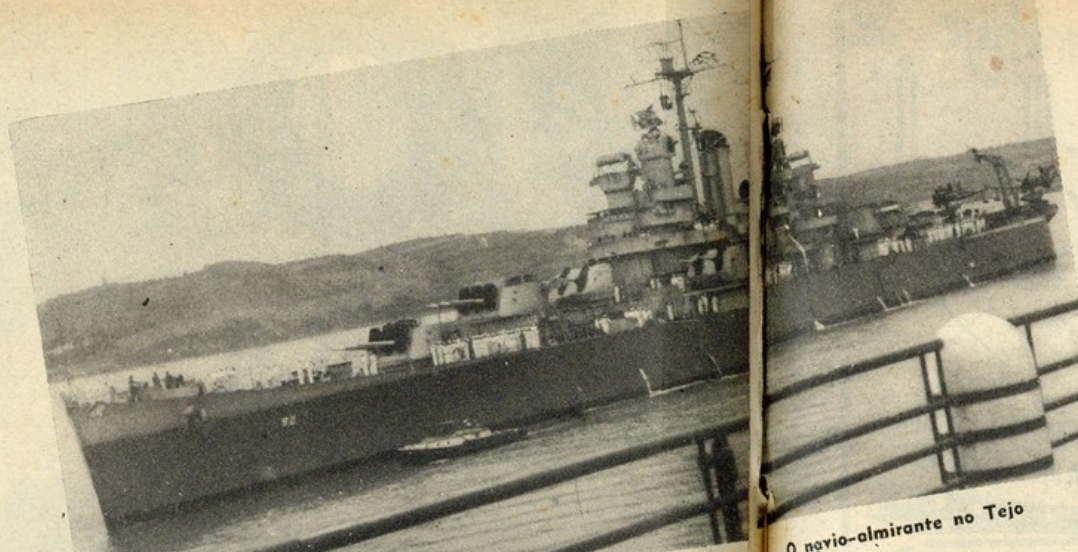
— Oh, filho! Vão ao «mercado negro» que lá deve haver bastantes...

Era a Lisboa de hoje que falava, a outra...

CASTELO DE MORAIS

Uma luz feriu a atenção de todos. Num relâmpago, Jonny queimara a mortalha. Mas, nesse momento, um novo incidente reclamava a atenção dos presentes: Jane, aproveitando um segundo de distração, fechara rapidamente a porta atrás de si e desaparecia. Todos se precipitaram para a porta, que cedeu sem dificuldade. Mas, para lá, no escuro da escada, nenhum vulto se divisava... Então, Steets O'Sea sorriu:

— Não vale a pena correr atrás dela. Não terá grande tempo para ser espiã nem se atreverá tão depressa a meter-se em aventuras...



O navio-almirante no Tejo



O almirante-chefe da esquadra consultando os jornais portugueses



CONSTITUIU, sem dúvida, um grande acontecimento cittadino a visita da 12.ª esquadra americana, do comando do almirante Hewitt.

Os marinheiros espalharam-se pela cidade e confraternizaram com o povo, que, por sua vez, não se cansou de admirar as belas unidades da frota, entre as quais o grande porta-aviões «Franklin Roosevelt» — o maior do mundo.

Entre os oficiais superiores da esquadra e as autoridades navais portuguesas, também se trocaram amistosas saudações, e mais uma vez foi afirmada a excepcional simpatia do povo português pela grande nação americana.

Lisboa animou-se com a presença dos alegres marinheiros dos Estados Unidos, rapazes fortes, irradiando simpatia, e que se mostravam interessadíssimos com tudo quanto lhes era apresentado.

A população recebeu-os de braços abertos. Lisboa viveu momentos de grande simpatia pela América, essa nobre América a quem o mundo tanto deve, no seu nunca desmentido amor pela Liberdade e pela Paz!

A VISITA A LISBOA DA 12.ª ESQUADRA AMERICANA



1) O almirante Hewitt e o Sr. Embaixador da América com o Chefe do Estado. 2) O Chefe do Governo recebe o almirante americano.



1) O sr. Presidente da República discursando no banquete da Embaixada da América. 2) O discurso do Embaixador.



1) O almirante Hewitt falando no banquete. 2) O Chefe do Governo com o Embaixador dos Estados Unidos e outras entidades, no banquete da Embaixada Americana.



1) A recepção aos jornalistas. 2) O Embaixador com os oficiais do «Houston».

O almirante Hewitt, após o chegada, entre os comandantes do porta-aviões do «Houston».



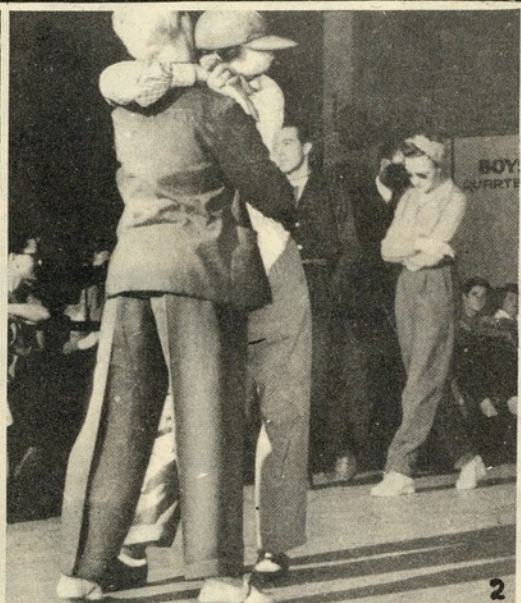
UMA NOVA CARREIRA AÉREA Lisboa-Rio de Janeiro -Buenos Ayres

A Real Sociedade Holandesa de Aviação K.L.M., que mantem com a maior regularidade o serviço diário Lisboa-Madrid-Amsterdã e três vezes por semana o serviço Lisboa-Genebra e volta — vai inaugurar em princípios de Outubro próximo um serviço aéreo bi-semanal de ida e volta Amsterdam-Lisboa-Rio de Janeiro-Buenos Aires.

No dia 7 deste mês efectuou-se um primeiro vôo especial com o maior êxito, partindo do aeroporto da Portela de Sacavém um quadrimotor «Sky-master», que fez a viagem com a maior normalidade, chegando ao seu destino dentro do respectivo horário nas mais perfeitas condições de pontualidade e segurança.

O avião, dotado de todo o conforto, transportou nessa viagem especial 22 passageiros e 16 funcionários da K.L.M.

São dessa viagem as duas fotos que publicamos nesta página.



1) Este par ganhou o primeiro prêmio, mas chegou ao fim da competição neste estado... 2) No começo da sétima semana só estes dois pares se conservavam na sala. 3) Os concorrentes comem de pé no próprio salão de dança.

DENTES BRANCOS E SÃOS



SÓ COM
**DENTÍFRICOS
CORTEZ**

A MARATONA DA DANÇA NOS ESTADOS-UNIDOS

Nestes concursos não se dança, passa-se. Quem se aguentar mais tempo de pé, mexendo-se de um lado para o outro, ganha a maratona. No concurso onde se tiraram estas fotografias, o primeiro prêmio de \$800 dólares foi conferido a um par que se manteve, em passeio, durante 1.154 horas! O público paga para ver estes infelizes torturarem-se a si próprios. Comem de pé no próprio salão de dança, sete vezes por dia, com intervalos de 15 minutos. E alguns, mais treinados nesta loucura, chegam a aumentar de peso...



Creme Rouge MACNECO

Marcele

UM PRODUTO ESPECIAL
PARA PELES SENSÍVEIS

OS PRODUTOS
DE BELEZA

Marcele
SÃO PRODUTOS
HIPO-ALÉRGICOS

Nos mais lindos tons:
Cherry—Geranium
—Flair Robin Red—Carmen
Os produtos de Beleza mais categorizados da America, aprovados pela American Medical Association
Representante:
PAOLO COCCO
Rua Andrade, 4, e/c., Esq.
Lisboa

Resiste a sua
maquilage
a que a mirem
assim, de perto?

Michel

O Novo Cake Make-up Michel, criação dos fabricantes do baton Michel e outros produtos de beleza Michel. O Cake Make-up Michel tem o mesmo delicado e arrebatador perfume do famoso Pó de Arroz Michel.

4 Lisongeiros tons do Cake Make-up Michel: Natural, Rosa Natural, Tropical 1 e Tropical 2

CAKE MAKE-UP
Michel



OITO BOCAS DIFERENTES PARA UM SO' DESEJO



UMA SO' MARCA
PARA TODAS AS
BOCAS

THO·RADIA



PRODUTOS QUE REJUVENESCEM A PESSOA



ASSEGURE A FRESCURA
E ROBUSTEZ DOS SEUS CABELOS
USANDO

Petróleo iodado
Eliper

Os cabelos deixam de cair — Novos
cabelos nascem com abundância

Experimentar os produtos Eliper
significa adoptá-los para sempre



Já chegou!

Esta é a autêntica Magnésia SANTA MARIA, de suave acção laxativa e reguladora da função intestinal. Favorece a desintoxicação do organismo, promovendo um maior bem-estar geral. Conserve a sua agilidade física e mental com a ajuda da



Magnésia
SANTA MARIA

A DESPEDIDA DA SEVERA

MANUEL MARTINHO

A velha Mouraria, num beco estreito, ainda lá tem uma casinha onde a Severa, alma e tradição do fado, morou, até sair, já tísica, para o hospital de S. José, onde morreu com o sopro duma canção na garganta roída de bacilos.

A Severa tornou-se, depois, com o rodar dos anos, uma legenda luminosa, uma apoteose onde milhares de guitarras, gemendo, choram, sobre o coval razo, a elegante mais castiça que encoldeceu e pôs cumeiras nos corações estroinhas de fidalgos e alquilladores, com arremetidas de entusiasmo e desprezível amor. O fado nasceu assim na Mouraria, veio, depois, a entrar nos salões. Para a Severa, que era fadista, isso não lhe dava honraria nenhuma. Nascida na viela, tendo por parcelos os falas de lenços vermelhos ao pescoço, gíngöes, almas danadas da naualha de ponta e mola, Severa era o que se podia dizer a voz, o alento desses dejectos humanos, enrolados em trapos, vivendo já crucificados na miséria e no enxurro dos tascos. A ronda, a polícia, os gritos, a facada, tudo coisas sinistras no horizonte estreito de vielas e betegas, para eles, degredados do crime, viciosos da desgraça, nada representavam.

A sociedade, para se proteger, punha-os de vez em quando a ferros. Eram então choros naqueles pátios tristes. Mais uma leva para África, alguns que morriam por lá com as febres, e outros desesperados da liberdade perdida, que abriam a cabeça nas lajes dos presidios.

A Severa era amiga de todos. A sua casa tinha sempre uma sopa ou um pão para os que voltavam, chagosos de sofrimentos, dos hospitais ou do calabouço. Ela que poderia ter vivido amada, num palácio, preferia sentir ali, na Mouraria, rodeada da sua gente, o travo da miséria, o perigo e a aventura do crime. Vimioso, valente e destemido, que saía à arena a enfrentar os touros, passou muitas noites a ouvir os fados que só a Severa sabia cantar. Nem por isso, porém, ela deixou de morrer pobre, quase esquecida, na cama dum hospital. Já os seus olhos, que eram fogo ardente, a sua bôca, pura de desejos, o airoso dos seus meninos, a doença que não perdoa, tinha roído em altas febres da tísica. Era já um cadáver, apenas vivendo nos assomos de tosse que lhe faziam tremer a pobre carcassa.

E, no entanto, anos atrás, a Severa era a tentação. Alta, sacudida, esbelta, o challe de ramagens traçado sobre as costas, os tornozelos finos, delgados, de pele morena; os pés pequeninos, mímosos, de calcenhar vermelho, na chinelas pespontada, de verniz, à catita; os seios, dois limões, redondos, que arfavam, enquanto ao lado a guitarra gemia — depois o seu todo, meio canalha, meio terno, olhos onde chispavam labaredas de ódio e brilhos aguados de ternura, tudo, enfim, que fazia dela um demónio vivo, sendo apenas mulher, tudo os anos de sofrimento mataram.

Ainda vivia — mas já não era a Severa. Quase ao sentir a morte a apertar-lhe a garganta, a dar-lhe os derradeiros puxões para a cova, a Severa quis ainda erguer-se na cama. Nesse momento, tardes de touros, vinho, fidalgos, amor, fado, guitarras, estroinhas, ciúmes, numa fugaz imagem fez-lhe doer os olhos.

Ainda tinha na alma um assomo de saudade. Poderia, talvez, melhorar, viver, correr outra vez à Mouraria, aos becos, às baldéas, às vielas, e gritar, gritar que ela estava outra vez viva. Iria à Senhora da Saúde dar-lhe, em promessa, um ciro da sua altura. E a sua guitarra, esquecida a um canto, seria novamente a sua companheira.

Fado, sim, fado — a sua sina. Era o hino da sua revolta, o escárneo lançado sobre aqueles que de tudo se esquecem para só procurarem, egoisticamente, o amor.

E que amor? A paixão desenfreada da carne, os beijos fortes que se podem roubar quando eles ainda têm calor, fogo, entusiasmo! Depois, a velhice, a morte da beleza, essa agonia da formosura que desaparece dia a dia, mês a mês, numa galopada dos anos que nada perdão...

Foi então que a Severa viu, nos que estavam perto, os olhos marejados de lágrimas. A um canto, na penumbra, enrolado, como um farrapo, talvez o Custódia, o dedicado, o escravo, aquele que matara Lisboa inteira só para que ela, a Deusa, pudesse molhar as chinelas em sangue, se tal lhe apetecesse. A tosse dá-lhe, num assomo, a certeza de que já não há sangue nos pulmões desfeitos. É apenas uma mancha escarlate, esmaecida, que parece um vômito de vinho, o que lhe mostra o lenço tirado da bôca. Com um violento

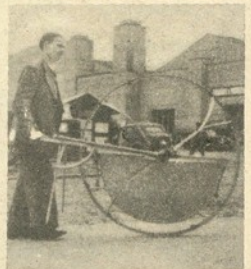
A FEIRA DE PARIS E AS SUAS ATRACÇÕES

A Feira de Paris de 1946 é a mais importante manifestação comercial da Europa, depois de ter terminado a guerra. Costumam aparecer nela todas as invenções e descobertas do ano. Assim, encontramos ali a máquina de pentear, o acordeon electrónico e a cadeira eléctrica para mosquitos!

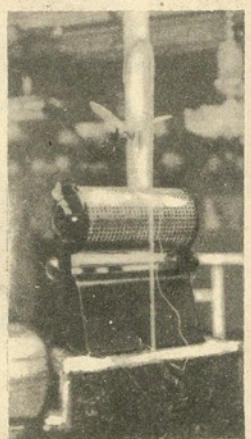
Querem melhor?



O senhor Rust, um cineasta, inventou o Z-52, sistema prático destinado a suprimir os papolotes e os abigoudis...



Um carro de uma só roda, inventado por M. J. Wante. A roda transporta a carga.



A cadeira eléctrica dos mosquitos. Uma grande invenção!

esforço ainda consegue firmar-se na cama. E o conde de Vimioso, esse de quem gostara tanto?

Esse veio dizer-lhe adeus, na véspera, um adeus de pesames, uma coroa de flores deixada à entrada da porta.

Quando a Severa morreu — as guitarras ficaram de luto, dizem os fadistas.

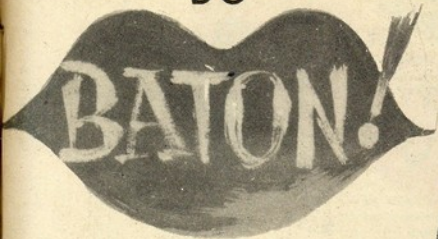
Mas o que a sua morte de miséria, abandonada, pode representar, à luz da razão, é, acima de tudo, o esquecimento, o ingrato proceder dos homens.

Só a sua gente, os da Mouraria, choraram a Severa. Só eles a acompanharam e sofreram o travo da saudade que a morte trouxe.

Os outros, os que a amaram, os que quiseram que ela cantasse para se divertir — esses abalaram à procura de outras Severas...

TUDO POR CAUSA

DO



NÃO tem faltado quem afirme que o beijo é transmissor de inúmeras doenças. E países há onde as crianças brincam, nos jardins, exibindo, nos bíbes, as palavras: — «Não me beijem!».

Alguns sábios têm procurado saber até que ponto é caluniosa essa acusação. E muitos têm afirmado que o beijo é, de facto, um perigoso transmissor de micróbios e até que, no que diz respeito a beijos de amor, não se pode perdoar, pelo bem que saiba, o mal que pode fazer...



Beijos dados para a ciência



Uma experiência feita à margem da ciência...

Os estudantes que tomam parte na experiência imprimem os lábios nas placas de vidro.

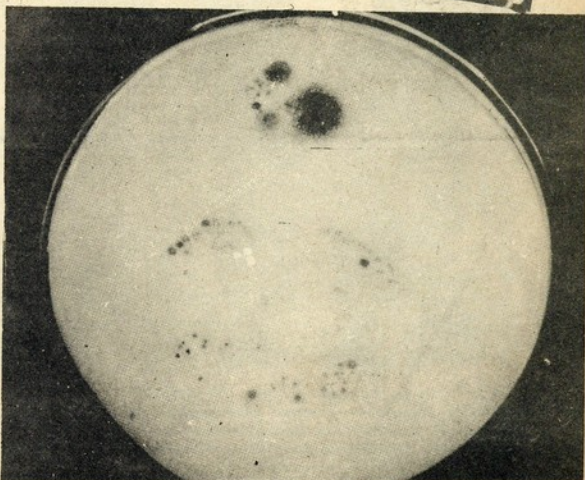
Pois agora é o professor de biologia duma Universidade americana quem nos dá a sua preciosa opinião sobre tão magno problema.

Fez ele uma série de experiências que provam que o beijo é, afinal, quase inofensivo—mas que os beijos das raparigas são, indiscutivelmente, mais perigosos que os dos rapazes...

Vários estudantes, de ambos os sexos, foram pelo professor convidados a dar beijos... numa chapa de vidro previamente preparada. E, quando as chapas foram fotografadas, verificou-se que, felizmente, a maior parte dos germes observados era inofensiva.

Verificou-se, também, que as impressões dos lábios das raparigas continham muito maior número de micróbios que os dos rapazes, e, é claro, logo se atribuiu a culpa ao «baton»!

Por isso, muito cuidado, meus amigos! de beijarem uma senhora, será bom mandarem-na dar um beijo numa chapa de vidro e fazerem a análise, como o metucioso professor americano...



A chapa beijada pelo rapaz vista ao microscópio



A chapa beijada pela rapariga. Vêem-se stafilococcus.



SHIRLEY, a ex-menina dos caracóis, que foi durante os anos felizes da sua meninice a mais amimada, popular e querida criança do mundo inteiro, festejou, há dias, os seus dezoito anos.

Pela primeira vez, celebrou-os na sua qualidade de senhora casada. E deu uma festa de arromba, como não podia deixar de ser. Deade que o marido foi desmobilizado — quando casou o noivo ainda era «o sargento John Agar» — Shirley encontrou a felicidade. Entraram os dois, pela primeira vez, no seu lar, pois Shirley não quis fazer o ninho sem ter a certeza de que o marido compartilha das instalações, amorosa e longamente idealizadas.

Shirley festejou os dezoito anos — e recebeu, pela primeira vez, na sua casa. Pode dizer-se que Hollywood em peso a foi cumprimentar. E a recepção ficará como uma das mais brilhantes celebradas ultimamente na colónia da Cinelândia. Todas aquelas vedetas que foram «tias» e «mamãs» da «menina dos caracóis» distinguiram-na com os presentes. E não houve só jóias e ramos de flores, pois na «corbelle» da festejada viam-se muitas outras coisas, desde um casal de «peknois» até um leão recém-nascido...

Bette Davis enviou-lhe um ramo de rosas. James Dunn ofereceu-lhe um «kepi» japonês, recordação de Ivogima. Robert Montgomery uma adaga oriental cravejada de pedras preciosas. E a mamã de Shirley, Mrs. Temple, presenteou-a com um carrinho de bebé... Shirley vai ser mamã? Diz-se que, por ora, nada consta. Mas Mrs. Temple dentro da pequenina viatura, pôs-lhe um cartãozinho, com estes dizeres singelos: «Estou ansiosa por ser avó»...

OS 18 ANOS DE SHIRLEY TEMPLE



EM CIMA: Shirley e John Agar, dançam como dois noivos em plena lua de mel



AO LADO: Shirley com algumas das personalidades que assistiram à festa do seu 18.º aniversário: Adolfo Menjou, James Dunn, Shirley, Franchot Tone e o realizador David Butler.



Sabem quem «descobriu» esta linda mulher? Foi o Groucho Marx, o das sobroncelhas carregadas, o do bigode pintado a carvão, o do charuto interminável... A beladade chama-se Lisette Verea e contracena com os Marx no seu novo êxito, «Uma Noite em Casablanca», paródia ao filme que Humphrey Bogart e Ingrid Bergman interpretaram.



ADOLFO COELHO

O Realizador de

*NUN'ÁLVARES PEREIRA
HERÓI E SANTO
fala-nos no seu novo filme*

ADOLFO Coelho tem, já uma obra que o impõe como um dos mais fortes personagens do cinema nacional. Como realizador conta mais de 50 «filmes» orientados pela sua competência de técnico experiente.

Instado para que dissesse alguma coisa sobre o novo «filme» *Nuno Álvares, herói e Santo*, Adolfo Coelho acede, amavelmente e começa por nos dizer:

— Faltava na minha galeria, o documentário histórico. O honroso convite que António Ferro nos dirigiu há tempo para realizar «a história de Portugal vista através dos monumentos nacionais» deu-nos ensejo a realizar «no papel» esse desiderato, um argumento que intitulámos «Pátria». O desvaneador convite da Ala do Santo Condestável para pôr de pé um curto filme de divulgação sobre Nuno Álvares Pereira, permitiu-nos levar até ao celuloide a técnica que ideamos: a de construir o nosso filme apolando-nos nos monumentos históricos e documentos iconográficos da época, mas cortando a sua frieza com pequenas evocações simbólicas, curtas cenas vivas destinadas a fazer passar um sopro dinâmico nas pedras entristecidas pela pátria do tempo.

No entanto uma tal tarefa não é coisa fácil: condensar em 12 minutos de projecção e vida cheia de dinamismo e peripécias do condestável, tendo que abandonar a todo o passo a sequência rica da cinematografia, a passagem fortemente emotiva porque só ela consumiria toda a escassa metragem do filme e custaria duas ou três vezes o seu orçamento.

E depois duma pausa:

— Apesar desse verdadeiro suplício de Tântalo, dou o meu trabalho por bem empregado se a minha síntese conseguir despertar o interesse do grande público, porque um filme de fundo sobre a vida do Condestável é empresa de vulto, que poderá ou não fazer-se, mas aquilo a que poderemos chamar o seu «trailer» dará desde já ao público uma pequena lição sobre o admirável português que foi o companheiro de Mestre de Avis.

Adolfo Coelho fala com entusiasmo. Nota-se que o ilustre realizador tomou, por aquele trabalho, uma verdadeira paixão. E voltando a falar do «filme»:

Alguém que viu *Nun'Álvares, herói e Santo*, numa passagem de ensaio, classificou-o como um magnífico instrumento de divulgação para as nossas escolas; se assim for sentir-me-ei ricamente compensado pela agrura do meu trabalho que teve de ser feito em pouco mais de vinte dias. Para bater este récorde fui grandemente auxiliado por uma equipa cheia de boa vontade: Manuel Luís Vieira, que acaba de receber do S. N. I., o prémio da melhor fotografia, num filme meu, não desmereceu dos seus créditos, Joaquim Luís Gomes, um compositor que se estreia no cinema, deu ao pequeno filme uma valiosa roupagem musical, Baptista Rudy ensaiou os seus primeiros passos cinematográficos com os sintéticos «decoros» do documentário, mostrando que tem mais um caminho aberto ao seu talento. Fernando Cruz desenhou com carinho os letreiros da película, Alberto Quabory vestiu os personagens com proficiência, Igrejas Caetano disse o documentário que Zuzarte de Mendonça Filho escreveu para as muitas imagens e Sousa Santos da Tóbis, gravou o som com boa técnica.

Adolfo Coelho não quer prolongar a entrevista. Por isso ela termina aqui. Acha que, agora, a crítica e o público são os juizes do seu trabalho.

E, decerto, *Nun'Álvares, herói e Santo*, virá acrescentar mais um êxito aos triunfos colhidos por aquele realizador, que ainda há pouco foi distinguido com um prémio de cinema no S. I., pelo seu esforçado labor em prol da cinematografia nacional.

MEDICINAL
PASTA **COUTO**

TRATA
gengivas desconhecidas
ou sangrentas

EVITA
estomatites mercuriais
ou birmuticas

MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Medicinal pequena — tubo 11\$00
 Medicinal grande — tubo 17\$50
 Vulgar pequena — tubo 4\$00
 Vulgar grande — tubo 7\$00

Medicinal pequena — tubo 11\$00
 Medicinal grande — tubo 17\$50
 Vulgar pequena — tubo 4\$00
 Vulgar grande — tubo 7\$00

Tiká
MATA
PERCEVEJOS
BARATAS
PULGAS
TRAÇA

À VENDA EM TODA A PARTE
 Caixa pequena..... 3\$00
 Caixa grande..... 8\$00
 Dep.º: **COUTO, L. 4ª — Porto**
 L. S. Domingos, 108

a água da vida as plantas

o petróleo
Piver
 da vida aos cabelos

O cabelo pode ser comparado com uma planta...
 Como ela, murcha e morre se não for bem tratado.
 Deve-se activar a circulação do couro cabeludo e desinfecar a cabeça com **PETROLEO PIVER** que, destruindo completamente a caspa, evita a queda do cabelo, dando-lhe vigor, saúde e beleza!

L.T. PIVER

II TORNEIO

PROBLEMA N. 2 (14)

O PUNHAL VINGADOR

por Rocambofe

O Inspector fôra chamado ao palácio do velho fidalgo Silveira, pois este apparecera morto, nessa manhã, no seu leito, com um punhal, de pesadíssimo cabo de marfim, cravado no coração.

Iniciadas as investigações, apurou-se que, além do seu proprietário, viviam no palácio um sobrinho deste, quintanista de medicina, um mordomo e um outro criado.

No quarto não havia quaisquer sinais de luta, e o cabo do punhal não apresentava impressões digitais. O sobrinho do fidalgo declarou que, pelas 5 horas da madrugada, fôra chamado pelo mordomo para dar uma injeção de óleo canforado a seu tio, que sofria bastante do coração, o que fez, e aliás se podia comprovar, pois à beirinha da fassuella de madeira da cabeceira da cama ainda se achava a empola vazia. Retirara-se depois para o seu quarto e fôra mais tarde prevenido do sucedido pelo criado Manuel.

Ouvido o mordomo, este confirmou que chamara o sobrinho do patrão. Como velho servigal podia, no entanto, ainda dizer que no retrato da velha fidalga, pendurado no quarto do patrão, por cima da cabeceira da cama, se encontrava chavado, há muitos anos, um punhal, que o esposo cravara na vera effigie ao sabê-la adúltera, depois da sua morte. O mordomo, que era um espirito convicto, dizia ter sido uma vingança da fidalga.

O criado Manuel afirmou ter ouvido um grito lancinante, correndo imediatamente ao quarto do fidalgo, encontrando-o morto com o punhal cravado no peito. Disse também que momentos antes tinha passado na rua um pesado camião que fizera estremeceer a casa, e certamente o punhal desprendera-se do retrato e caíra sobre o fidalgo, espetando-se tragicamente no coração.

O Inspector, lavrados os autos das declarações prestadas, deu por concluída a investigação, pois estava já de posse do fio de toda a meada.

Pergunta-se:
 a) Trata-se de morte accidental?
 b) Em que se baseou o Inspector para chegar às conclusões a que chegou?

Envie-nos as vossas respostas, pontualmente, até 5 de Setembro próximo, a fim de poderem ser consideradas.

I TORNEIO

Pelo sorteio efectuado pela lotaria do passado dia 2 de Agosto corrente, ficou vencedor da nossa primeira competição, o colega **Rocambofe** (João Augusto Lopes Bastos), a quem, sinceramente, felicitamos.

Em 2.º e 3.º lugares classificaram-se, respectivamente, os nossos colaboradores **Elviro** (Dr. Alberto Pereira de Mesquita) e **Alguém** (Fernando dos Santos Pesca), a quem, igualmente, endereçamos os nossos parabens.

Os prémios que lhes cabem vão ser imediatamente entregues.

REGISTO DE PROBLEMAS

O roubo das joias, por Philo Vance — aprovado como merece.

Enigma

Orientado por Leiria Dias

Ciclista assassinado, por Mário Marques — curioso e bem feito problema, que entrará no II Torneio.
Morte no escuro, por Artur Varatojo — um magnifico problema dum consagrado autor.

A morte do industrial, por Philo Vance — interessante assunto, belamente tratado.

CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS

Com palavras de apiauso à ideia, manifestaram a sua concordância, mais os seguintes colaboradores: **Philo Vance**, **Filipe José da Silva**, **Sete de Espadas** e **Artur Varatojo**, além de outros amigos que prometem iniciar a sua coadjuvação no presente Torneio.

Dadas as palavras de incitamento que, ultimamente, temos recebido, vamos pôr em prática, a titulo experimental, a classificação por equipas, que serão compostas por 5 concorrentes, e não 4, como anteriormente se disse.

As respectivas formações serão elaboradas por nós, segundo as preferências que nos foram indicadas, ou respeitando o que sobre o assunto nos foi pedido pelos senhores concorrentes.

POSTA RESTANTE

Fernando Rosa — A sua ideia, quanto às equipas, foi quase por unanimidade rejeitada. Não concordam com a mistura de assuntos policiaes com assuntos desportivos.

Juvenal de Oliveira — Não há, por agora, viabilidade de pôr em prática



ROCAMBOLE
 (João Augusto Lopes Bastos)
 e brilhante vencedor do nosso Torneio
 Entusiástico colaborador desta secção e brilhante vencedor do nosso I Torneio

o seu alvitre. Pode ser mais tarde...
Artur Varatojo — Belo problema o seu. Quanto aos nomes estrangeiros não há grande inconveniente, embora gostasse mais que figurasse o nosso Inspector em vez do seu detective. Você fez parte do número dos bons amigos que «Enigma» me tem grandeado.

Philo Vance — Grato pelos seus problemas, que achei perfectos e que aprovei imediatamente. Cumprimentos.

Mário Marques — A ideia do seu problema é felicíssima. Parabens, e um abraço de felicitações.

NÓS OFERECEMOS a vida e a beleza dos seus cabelos



«EMBRYODINE-C ou D» revoluciona a técnica da vida e da beleza dos cabelos. Não sendo uma brilhantina, dá, contudo, um brilho que já mais se apaga. Os cabelos das senhoras; secos e quebradiços, devido a tinturas, «permanentes» ou descolorações, tratados com «EMBRYODINE-C», retomam instantaneamente o aspecto da juventude, tornando-se robustos, sedosos, ondulados e radiosamente brilhantes.

Os do homem, quando tratados com «EMBRYODINE-D», não só deixam de embranquecer prematuramente, como se apresentam brilhantes, sedosos e fixos.

Para senhoras: EMBRYODINE-C — frasco para 15\$00 e 25\$00
 Para homens: EMBRYODINE-D — boião, 20\$00

À venda nos bons estabelecimentos. Agente geral para Portugal e Espanha: J. SANTOS — Rua Santo Ildefonso, 29 — Porto. Distribuidores Continente: ANTÓNIO FERREIRA PINTO, Ltd.ª — Rua dos Correeiros, 123-1.ª — Lisboa.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 74

Por Jorge Pessoa Pereira

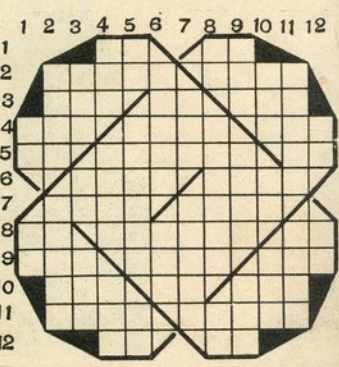
(Lisboa)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Crença religiosa; naquele lugar. 2 — Comunicação; isca para a pesca. 3 — Voz do gato; já que; discursiva. 4 — Incultr; chefe de algumas tribos muçulmanas; emprega. 5 — O que constitui a individualidade; preparar com anis; distar. 6 — Expressão; espaço dum; me; lunar. (pl.). 7 — Ter concepções sublimes; incorres. 8 — Fraca; contúndia; algum. 9 — Argola duma cadeia; chefe de tribo africana; prendo.

10 — Vertebrado volátil com penas e bico córneo; mulher acusada; Deus dos muçulmanos. 11 — Ir para fora; mover os remos. 12 — Grito de dor; armo.
VERTICAIS: 1 — Haste de planta; a mim. 2 — Gostou de; sepultura em que se reúnem os cadáveres de indivíduos mortos que não deixaram melos para cova em separado (pl.). 3 — Regressar; comiseriação; ovarió dos peixes. 4 — Corrente ténue de líquido; criadas de companhia; interj. (designa espanto). 5 — Pertences; roda dentada que engrena noutra; lado da pópa. 6 — Metal raro e muito denso; coragem. 7 — Aqui está; pertencer em partilha. 8 — Moeda chinesa; fazia passar pelo ralador; estás. 9 — Ensejo; caía precipitadamente; senhor. 10 — Incipiente; pedra de dominó com um só ponto; renque. 11 — Causa aprazível no melo de

outras que o não são; joelrar. 12 — Aspecto; pedra de moinho.



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXXII

O PRIMEIRO INVERNO NA RÚSSIA

A MAIOR BATALHA ANTI-TANQUE DE TODA A GUERRA

UMA semana antes, no dia 8 de Outubro, o Alto Comando soviético começou a lançar as suas reservas na batalha, obrigando os alemães a proceder de maneira idêntica. A luta tomava, assim, um aspecto inteiramente novo, pois à medida que os combates prosseguiam, com uma violência crescente, cada um dos adversários recorria às suas últimas disponibilidades em homens e material. À medida que o tempo decorria e a batalha continuava, a superioridade dos russos nesse capítulo começou a afirmar-se e acabou por impor a decisão.

Esta evolução da luta mostrava, de maneira incontestável, que o Alto Comando soviético procedera com um conhecimento perfeito da situação, não atraindo prematuramente para a fôrnalha as suas reservas estratégicas, as quais constituíam, como os acontecimentos demonstraram, o seu derradeiro trunfo para salvar Moscovo. No dia 23 de Outubro, o «Pravda» escrevia: «Moscovo é, neste momento, o ponto de concentração de todas as nossas reservas. A batalha para a posse da cidade, longe de estar concluída e decidida favoravelmente para eles, como os alemães querem fazer acreditar, só agora verdadeiramente começou».

A aviação soviética desempenhou o principal papel na estratégia defensiva concebida pelo Alto Comando russo durante a primeira fase da batalha de Moscovo. Foi ela que, operando quase isoladamente, teve a missão de se sacrificar para impedir que o avanço dos tanques alemães adquirisse um ritmo que imobilizasse todas as esperanças de uma defesa eficaz. Treinada de longa data para ser usada como arma anti-tanque, a aviação de caça russa conseguiu, nesse domínio, resultados tão espetaculosos como imprevisíveis. Mas os sacrifícios que teve de consentir foram dos mais sangrentos e pesados. Os estragos que ela provocou nas formações blindadas alemãs foram, porém, de tal ordem que na

segunda semana da batalha de Moscovo os carros de combate soviéticos puderam fazer a sua aparição e lutar eficazmente contra as «Panzers». Não há nenhum exagero na afirmação de um conhecido autor ao dizer que a batalha de Moscovo foi a maior batalha anti-tanque da segunda guerra mundial.

Na luta contra os tanques alemães a infantaria e artilharia soviéticas intervieram igualmente de maneira inesperada e decisiva para quebrarem o ímpeto do inimigo e diminuir o ritmo do seu avanço. As forças de infantaria actuaram como verdadeiras unidades anti-tanque com pleno êxito, aplicando uma tática desconcertante perante a qual os planos do Alto Comando nada puderam fazer.

Finalmente, o emprego da artilharia como arma de defesa anti-tanque em estreita cooperação com as outras armas, demonstrou até que ponto essa cooperação atingira um elevado grau de eficiência e perfeição. Em resumo: a grande inovação que o Alto Comando soviético introduziu na batalha de Moscovo foi a aplicação feliz das mais modernas e aperfeiçoadas armas ofensivas na realização de uma estratégia puramente defensiva.

Essa inovação conseguiu estabelecer a frente entre os dias 20 e 22 de Outubro de forma a obrigar o Alto Comando da Wehrmacht a rever todos os seus planos e a considerar de novo todos os seus projectos. Aos alemães impunha-se a necessidade de considerarem a realização desses planos e a execução desses projectos em função das exigências do tempo e das suas possibilidades de mobilizar e utilizar as reservas de que ainda dispunham. Problema gigantesco que exigia uma especial capacidade de improvisação que não possuíam, de maneira nenhuma, os chefes militares do Reich.

Seguiu-se um período de calma relativa na frente, o qual decorreu desde 22 de Outubro a 16 de Novembro. Mas essa calma não significava, de maneira nenhuma, que os dois adversários tivessem desistido do seu intento, nem podia considerar-se como o prólogo de uma batalha estabelecida como aquelas que se registaram durante a guerra de 1914-18 na frente ocidental. Era uma trégua imposta pela necessidade de os adversários se refazerem e concentrarem novos elementos para o duelo que não deixaria de prosseguir logo que chegasse, para isso, a devida oportunidade. Essa trégua resultava de um equilíbrio de forças que o Alto Comando soviético acabara por impôr.

Durante o período de relativa calma a que nos referimos, a pressão alemã fez-se sentir sobretudo nos flancos do semi-círculo formado em volta de Moscovo pelo avanço da Wehrmacht. No flanco sul os alemães cobriram, em três semanas, a distância que separava Orel de Tula e, em 29 de Outubro, iniciaram o assalto às posições soviéticas desta última cidade. Mais ao sul a pressão alemã atingiu Serpukhov apenas a 75 quilómetros da capital soviética.

Por essa altura, a rádio de Berlim falava insistentemente das péssimas condições atmosféricas que impediam o desenvolvimento de operações em grande escala na frente leste dos nossos exércitos — dizia o locutor alemão — esperam apenas que o tempo melhore para se lançarem ao assalto decisivo, cujo resultado não pode oferecer dúvidas para quem tenha seguido a sua marcha vitoriosa. Nesta altura estamos certos de que poderemos dar conta dos acontecimentos que vão produzir-se, empunhando as mais clangorosas trombetas».

Por seu lado, em Moscovo não ocultava que a nova ofensiva alemã podia ser desencadeada de um momento para o outro, e que seria de grande envergadura. O «Pravda» escrevia, em 4 de Novembro: «Os alemães organizam o seu novo assalto e acumulam reservas para ele. Vamos entrar num período muito grave, no fim do qual estará certamente decidido o destino da nossa capital e possivelmente da guerra que nos foi imposta».

A segunda fase esperada da ofensiva alemã começou, efectivamente, pouco tempo depois, em 16 de Novembro. No seu discurso habitual, proferido uma semana antes, para comemorar a revolução nazi, Hitler afirmou que a renovação de actividade militar a leste e que as operações seriam conduzidas «devagar mas com a mais absoluta segurança». O plano inicial de ataque preparado pelo Estado Maior alemão tinha sido revisto sob as suas vistas. A ideia original de um largo cerco a Moscovo fora substituída por outra. A capital seria cercada de perto num círculo com o diâmetro aproximado de 200



GENERAL GUDERIAN

quilómetros, e finalmente tomada de assalto.

Os flancos do dispositivo alemão mover-se-iam com rapidez e violência, estreitando cada vez mais o cerco de forma a completá-lo antes que o inverno tornasse impossível o prosseguimento da luta. Nestas condições, a população de Moscovo ficaria, até que se decidisse a capitular, sujeita a uma pressão crescente e constante que acabaria por eliminar todas as possibilidades de defesa previstas pelo Alto Comando soviético. Um dos mais autorizados críticos militares alemães, o capitão Weiss, escrevia em 21 de Novembro: «Apesar da neve e do gelo que dificultam o prosseguimento das operações, o anel em volta de Moscovo aperta-se cada vez mais. O ataque irresistível que se aproxima conduzirá à rendição fatal do inimigo».

Esta vez os alemães pretendiam impedir que os russos prosseguissem no sua tática de movimento fugindo ao cerco que cada vez se estreitava mais à sua volta. Do êxito deste plano dependia o desfecho da batalha de Moscovo, o qual exerceria uma influência decisiva no desfecho da guerra. Era esta a opinião predominante nos próprios círculos aliados, no ocidente, onde a evolução dos acontecimentos na frente leste era seguida com uma ansiedade crescente e uma curiosidade compreensível.

Do lado alemão foram lançadas na batalha 33 divisões de infantaria, 5 divisões de infantaria motorizada e 15 divisões blindadas. Nunca, em combates anteriores, fôra concentrada uma força tão imponente de tanques num espaço tão limitado. No dia 24 de Novembro um formidável ataque das «Panzer» na ala direita do dispositivo alemão colocara as guardas avançadas da Wehrmacht em Klin, apenas a 50 quilómetros do centro de Moscovo. No flanco direito, Tula era, ao mesmo tempo, ultrapassada e envolvida pelas forças blindadas de Guderian, que ocuparam Epifan, Skopin, Mikhailov e Venev. As duas pontas da tenaz que, pouco a pouco, apertava Moscovo estavam agora apenas a distância de 20 quilómetros e aproximavam-se cada vez mais.

No flanco norte operavam as divisões blindadas (7) comandadas por dois peritos da guerra blindada, Both e Hopenner; no flanco sul o comando das divisões «Panzer» (6) estava confiado ao mais categorizado especialista de tanques do Reich, o general Guderian. No centro do dispositivo ofensivo dos alemães encontrava-se a massa das divisões de infantaria para o assalto final à cidade sob o comando do general Reinhardt. Ao norte o objectivo imediato da ofensiva era ultrapassar o canal Volga-Moscovo, atacando a leste de Dimitrov e ao sul ocupar Ryazan, Kashira e Kolomna. Alcançados esses dois objectivos podia dizer-se que a capital soviética estava virtualmente tomada.

(Continua)

Qualquer caneta escreve melhor com

Skrip



DEPOSITO MARGINAL



UM CONCURSO DE BELEZA ENTRE RAPARIGAS ESTUDANTES

Os estudantes da Universidade de Harvard possuem uma revista humorística, o «Lampoons», e um jornal, o «Crimson». Entre os respectivos editores, existe, porém, uma grande rivalidade. Não há dúvida que não fazem uns aos outros, chegando mesmo ao raptos dos editores. Há tempos, Billy Rose, da Broadway, declarou que as raparigas bonitas não frequentavam colégios. Os editores do «Lampoons» formaram, então, uma selecção de beleza entre as estudantes, e convidaram Rose a trazer as suas «girls» para um concurso a realizar na Universidade. O jornal «Crimson» arranhou logo uma rapariga que nem sequer pertencia a nenhum colégio e introduziram-na no grupo seleccionado do «Lampoons». Quando Billy Rose, que não sabia do que se passava, soube que havia na selecção da Universidade raparigas que não eram estudantes, desistiu de trazer as suas belezas ao concurso.



EM CIMA: O grupo seleccionado. — EM BAIXO: Três juizes e três expressões diferentes de aprovação, o interesse e a dúvida...



Um grupo de «girls» da Broadway que não chegou a entrar em competição com as estudantes



O júri aprecia duas lindas e elegantes concorrentes

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO ~ EDITOR: PEDROSA MARTINHO
 PROPRIEDADE DE: VIDA MUNDIAL EDITORA, LÍMITE DA
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TELEFONE 2 594
 COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMAOS), LÍMITE DA
 TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA